

# A CASA

Alda Moura  
Ana Carolina de Almeida  
Andreas Valentim  
Carlos Lima  
Claudia Lewinsohn  
Davi Ribeiro  
Edu Monteiro  
Fabrício Cavalcanti  
Gabriel Jauregui  
Greice Rosa  
Ivana Grehs  
Jarina Guimarães  
Kátia de Marco  
Lilian Soares  
Luciano Vinhosa  
Luciara Mota  
Luiz Sérgio de Oliveira  
Marco Antonio Portela  
Marcos Bonisson  
Maria Eloisa Lemme  
Rafael Méndez  
Ricardo Pimenta  
Rosane Cantanhêde

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte  
Universidade Federal Fluminense

Universidade Federal Fluminense  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação  
Instituto de Arte e Comunicação Social  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte - PPGCA

# ARTE CASSA

(mostra de artistas mestres, mestrandos e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da UFF)

Curadoria: Luiz Sérgio de Oliveira e Marco Antonio Portela

26 de setembro a 30 de outubro de 2011

Solar do Jambeiro  
Rua Presidente Domiciano, 195 - São Domingos - Niterói – RJ

Parceria: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da UFF | Secretaria de Cultura de Niterói

Esta exposição foi organizada como parte do Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais, realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense, Niterói, nos dias 26 e 27 de setembro de 2011.

**Reitor da Universidade Federal Fluminense** | Roberto de Souza Salles

**Vice-Reitor** | Sidney Luiz de Matos Mello

**Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPMI)** | Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

**Coordenador de Pós-Graduação da PROPMI** | José Walkimar de Mesquita Carneiro

**Diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)** | Leonardo Caravana Guelman

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte** | Luiz Sérgio de Oliveira

**Vice-Coordenador** | Luciano Vinhosa Simão

**Equipe de Produção** | Almir Miranda, Fernanda Abreu, Luciana Barcelos e Rosilda Araújo

**Designer Gráfico** | Joana Lima (Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2008)

**Prefeito de Niterói** | Jorge Roberto Silveira

**Secretário Municipal de Cultura** | Cláudio Valério Teixeira

**Presidente da Fundação de Arte de Niterói** | Marcos Sabino

**Equipe Técnica do Solar do Jambeiro** | Pedro Afonso Vasquez, Glória Lúcia Nunes Franco, Maria Rosalina Xavier de Oliveira, Felipe Pereira Zacheu e Igor Menezes de Carvalho

## Os novos horizontes do *Ciência da Arte* e do IACS

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte compõe, ao lado dos programas de Comunicação e de Ciência da Informação, o núcleo de pesquisa e pós-graduação do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS). Desde sua instauração, o *Ciência da Arte* tem cumprido um papel relevante no desenvolvimento de pesquisas qualificadas no campo das artes, além de propiciar a capacitação de professores do ensino superior atuantes em diferentes instituições nacionais, entre as quais o nosso próprio Instituto.

Mais recentemente o Programa vem assimilando novos olhares e perspectivas em sua concepção e estrutura, valendo-se também de recentes adesões ao seu corpo permanente de professores, o que contribuirá para que se amplie ainda mais sua presença na pós-graduação da área no país.

Esse processo ocorre em um momento singular do Instituto, quando o sonho há muito acalentado – o projeto do IACS do Gragoatá – começa a ganhar corpo e a se tornar uma realidade. Nesse novo cenário o *Ciência da Arte*, ao lado dos outros programas de pós-graduação do IACS, passará a desenvolver seus projetos e pesquisas em maior proximidade e sintonia com as atividades do ensino de graduação.

Ressaltemos ainda, no âmbito do espaço multifacetado do IACS, em que convergem os estudos da informação, da comunicação, do cinema, das novas mídias e da produção cultural, o despontar promissor do Curso de Artes a trazer novas interfaces e sustentação para o *Ciência da Arte* em suas relações com a pesquisa, o ensino e a extensão.

A presença dos Coordenadores dos programas de pós-graduação em artes de diferentes pontos do país em nossa cidade, universidade e Instituto, configuram-se como um acontecimento importante na história recente do IACS, na qual aparece também com destaque a mostra “A Casa”, reunindo obras fotográficas de artistas do *Ciência da Arte*, no Solar do Jambeiro, patrimônio expressivo de nossa cidade.

*Leonardo Caravana Guelman*

Diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF

## A Casa

A presente exposição de fotografias com o tema “A casa”, reunindo autores que participaram ou participam do curso de pós-graduação em Ciência da Arte, da Universidade Federal Fluminense, não poderia encontrar lugar mais apropriado para sua realização. O Solar do Jambeiro é, antes de tudo, um exemplar perfeito de uma casa luso-brasileira senhorial, com todas as características que marcaram as antigas residências brasileiras. Ainda que nem todas tão ricas, tão grandes e tão imponentes, são elas, em geral, providas do sentimento acolhedor e de pertencimento que nossa cultura confere a este universo.

O antropólogo Roberto DaMatta, morador de nossa cidade, tem estudado o tema à exaustão. Em seu livro “A casa e a rua”, analisa com brilhantismo a dicotomia entre esses dois universos: como recebemos as visitas, os parentes; as relações com a família e os comportamentos diferenciados entre esses ambientes. A escolha do Solar do Jambeiro para hospedar esta exposição é, além de simbólica, propícia para percebermos os significados das associações estabelecidas entre o homem e a casa.

Os curadores da mostra, Luiz Sérgio de Oliveira e Marco Antonio Portela, propõem o tema “a casa” como um desafio a ser examinado em sentido bastante ampliado, ou seja, considerando os espaços que nos acolhem de uma maneira geral: o curso de pós-graduação ou a própria universidade, que, por sua vez, é acolhida pela cidade; a torcida de um clube ou um bar que frequentamos, enfim, tudo o que nos abriga e nos empresta o sentimento de pertencermos a algum grupo ou coisa que, em síntese, nos protege.

Em uma visita ao Solar do Jambeiro, munidos de um olhar atento e íntimo, pode-se, por exemplo, observar que em alguns vidros de suas janelas encontram-se registradas delicadas memórias do tempo. As moças que ali habitaram deixaram gravadas mensagens românticas indeléveis, riscadas com os diamantes de seus anéis. Transcendendo o inexorável decurso de gerações, imortalizaram a relação da casa com seus moradores.

Todos nós temos nossas casas. Meu ateliê é minha casa. Temos, também, as casas de nossas infâncias, suntuosas ou simples, perpetuadas em nossas reminiscências ao longo de toda a vida.

*Claudio Valério Teixeira*  
Secretário de Cultura de Niterói

## Todas As Casas numa só Casa

A presente parceria com a Universidade Federal Fluminense é, para mim, motivo de dupla satisfação, tanto de cunho institucional quanto de cunho pessoal. Institucional porque, já em minha alocação de posse na direção do Solar do Jambeiro manifestei a intenção de estabelecer parceria com essa que é uma das mais importantes instituições de ensino do Brasil, sendo a terceira maior universidade federal e a sexta maior universidade pública em número de estudantes. Pessoal, porque fui aluno da primeira turma do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF. Programa implantado pela professora Piedade Carvalho em 1996 e coordenado desde 2008 por Luiz Sérgio de Oliveira, que entre outros méritos teve uma brilhante e insuperada passagem na direção da Galeria de Arte da UFF na década de 1980, cujo Departamento de Difusão Cultural viria a dirigir na década seguinte.

Ainda sob o prisma institucional é importante para o Solar do Jambeiro o fato de que esta exposição integre a Reunião de 2011 do Fórum Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Artes/Artes Visuais, pois tencionamos consolidar o papel do Solar como um espaço de reflexão e ensino, no sentido mais amplo possível de ambos os termos.

O tema escolhido pelos curadores, Luiz Sérgio de Oliveira e Marco Antonio Portela, “A casa”, não poderia ser mais oportuno, visto que pretendemos priorizar eventos relativos à casa brasileira, à arquitetura, ao desenvolvimento urbano e à história pátria.

A dicotomia entre a casa e a rua em nossa cultura já mereceu a atenção de importantes pensadores, em particular de Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, sendo interessante constatar agora como os artistas reunidos nesta coletiva, que também são professores e, por conseguinte, pensadores, conseguiram dar expressão plástica às suas reflexões sobre a casa nessa época em que circunstâncias diversas põem em cheque as antigas concepções a esse respeito.

Problemas como a violência urbana, o crescimento demográfico e os engarrafamentos quilométricos, entre outros, modificaram o sentido do velho adágio de origem inglesa, “minha casa, meu castelo”. Isto porque se antes esse castelo se assemelhava a um palácio – um belo espaço reservado à satisfação dos desejos íntimos hedonistas –, hoje o castelo se assemelha mais ao castelo fortificado medieval – o necessário refúgio contra a ameaça de violência externa – dando ensejo inclusive ao surgimento dos prédios blindados e dos condomínios de cercas eletrificadas e guardas armados, que se assemelham a campos de concentração de milionários.

Por outro lado, a implosão do núcleo familiar tradicional por razões diversas – tais como a maior incidência de divórcios; o aumento exponencial dos solitários; a maior aceitação dos relacionamentos homossexuais, o modismo dos casamentos do tipo “cada qual no seu canto”, ou as simples contingências financeiras – ensejou uma reinterpretação e uma reinvenção do conceito de casa em sua acepção de lar. Reinterpretação e reinvenção que provocaram correspondentes transformações na casa enquanto produto arquitetônico, com o surgimento dos apart-hotéis e dos condomínios de apartamentos exclusivos para *singles*, por exemplo. Ou ainda das moradias comunitárias que não se assemelham às modestas repúblicas estudantis de outrora e sim aos abastados apartamentos coletivos inspirados pelos seriados norte-americanos como *Friends* e *Sex and the City*, em que os locatários se reúnem num mesmo espaço não por falta de dinheiro e sim por falta de um relacionamento amoroso estável.

Em suma: muitas são as feições e as dimensões da casa moderna, e nada mais adequado para abrigar múltiplas reflexões visuais sobre o fenômeno da casa hodierna do que essa casa, que hoje tem a função de casa de cultura depois de ter sido durante mais de um século uma casa de família. Uma casa capaz de conter todas as casas, tal como estas que estão representadas na exposição “A casa”.

Pedro Afonso Vasquez

Agosto de 2011

## **“A Casa” das artes**

A mostra “A Casa” reúne 23 artistas e poderiam ser muitos mais. Afinal a mostra é apenas um fragmento de uma Casa-Programa (o Ciência da Arte) com portas e janelas em profusão, generosa em acolhimentos e pródiga em transbordamentos. Essa é uma Casa-Programa que tem perseguido uma compreensão plural, materializada na diversidade das produções e lastreada no entendimento de que, na contemporaneidade, as artes não podem ser entendidas em estado de isolamento ou desconexão. Esse é um Programa-Casa (o Ciência da Arte) que orienta-se pela compreensão de que os estudos contemporâneos das artes (das diversas artes) não podem prescindir do concurso de outros saberes, o que é demandado pela complexidade das questões que permeiam tanto as práticas e os processos artísticos quanto os estudos críticos das artes.

A mostra reúne 23 artistas (e poderiam ser muitos mais), mas nem por isso deixa de revelar um conjunto altamente expressivo dos artistas com os quais o Ciência da Arte tem estabelecido suas interlocuções. Interlocuções diretas a cruzar um emaranhado de possibilidades, de ideias, invenções e reflexões que rondam as práticas artísticas na contemporaneidade. Artistas de diferentes gerações que marcaram, com suas contribuições, a construção dessa Casa-Programa, e que agora se reúnem para celebrar a maioria desse Programa-Casa. Uma celebração banhada pelo otimismo de nossas melhores expectativas.

A mostra reúne muito mais do que a produção de arte de 23 artistas. Na verdade, a mostra celebra as artes e o papel da universidade como deflagradora de práticas consistentes de produção artística e do pensamento crítico, capazes de alavancar as artes para patamares à altura de nossas ambições. A mostra celebra também a percepção de que essas práticas precisam estar alicerçadas em processos de colaboração para a superação dos isolamentos, como a parceria estabelecida com a Secretaria de Cultura de Niterói para a realização d’ “A Casa”.

Mais que tudo isso, a mostra celebra a alegria de sonhar e a necessidade de enfrentar os desafios na construção de um Programa-Casa no qual caibam nossos melhores sonhos.

*Luiz Sérgio de Oliveira*

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da UFF

## O artista, a universidade e os espaços de liberdade

**Marco Antonio Portela:** Acho que a universidade tem a função de provocar nos artistas certa ordenação do pensamento. Penso que os artistas (nós, artistas) acabamos ficando um tanto ou quanto soltos nos devaneios, nas buscas da poética, das conexões e por mais que se tenha grupos de estudos, de leituras, ao final é a universidade que tem esse caráter, talvez um tanto cartesiano, próprio da academia, de colocar o artista nesse embate por um mínimo de ordem dentro do caos em que ele se encontra. Isso acaba sendo interessante, porque o artista busca isso na universidade, ao mesmo tempo em que nega. O artista, enquanto provocador, nega essa ordem que a universidade tenta impor. Acho que esse é o grande barato desses convívios, dessa relação dialética.

**Luiz Sérgio de Oliveira:** Acho que você tem razão quando pensa na prática do artista como a prática identificada com a ideia de liberdade total, a ideia de invenção. Por outro lado, a universidade trabalha a partir de certos parâmetros. O artista, então, de fato e de alguma maneira, vai precisar se enquadrar. Aquilo que muitas vezes pode parecer algo de um temor absoluto, esse tal “se enquadrar”, pode ser traduzido simplesmente como uma maneira do artista estruturar seu próprio pensamento, uma maneira de articular pensamento e práticas de arte. Essa situação gera um tipo de tensão entre o artista, aquele que parece indomável, e a universidade que precisa construir seus próprios parâmetros. Isso pode ser benéfico para ambos, prevenindo a universidade de sucumbir em sua própria lógica pretensamente cartesiana. Neste sentido, o artista, com sua voz dissonante, pode ser um alerta para a universidade.

**MAP:** É curioso que essas relações aconteçam justamente quando os artistas parecem buscar na universidade algo mais objetivado, e em alguns casos ocorre uma frustração. Posso falar por experiência própria: em alguns momentos, eu parecia negar o meu mestrado, com questões do tipo “o que eu estou fazendo aqui? Eu não preciso disso?” Passada essa crise quase adolescente, mais à frente a gente começa a deslumbrar quanto essa relação foi benéfica. Aquele desejo objetivado de ganhar algo palpável vira apenas um desejo burguês do artista, porque na verdade o que ganhamos nessa relação – excluindo o grande título de mestre que a sociedade adora – vem de fato dessa relação conturbada, falha, uma relação imperfeita que faz com que não consigamos deslumbrar ganhos efetivos, ou seja, dessa imperfeição se ganha algo muito valioso, dessas falhas vêm correções, mas sempre apresentando algo novo. A minha vivência foi que ao entrar no mestrado eu parecia aguardar talvez um toque de Messias, receber um toque de Messias, o que não aconteceu nem aconteceria. Aí eu me frustro e me rebelo. Passado esse momento, percebo que estava aguardando algo inatingível, inalcançável, mas que a universidade estava lá para dar e trocar aquilo que realmente ela achava necessário. Acho que isso foi e é válido, válido e necessário, em especial para o artista contemporâneo, esse passear e transitar por esse estágio.

**LSO:** Quando você menciona o artista contemporâneo, me pergunto o que de fato se espera de um artista contemporâneo. Eu tenho cá pra mim, pensando também em minha própria experiência com a universidade e também na experiência como artista, acho que é demandado que o artista contemporâneo tenha uma melhor compreensão de seu próprio trabalho. É claro que isso não elimina aqueles cantos, aquelas áreas de sombras, que a gente não consegue entender e que eventualmente são a parte mais rica do próprio trabalho. Mas é demandado desses artistas uma melhor compreensão sobre esse trabalho, sobre sua inserção, sobre suas consequências e implicações, como esse trabalho se articula no mundo. Já algumas décadas, o artista tem sido chamado a ter maior responsabilidade sobre essa produção, pela circulação dessa produção, para onde ela vai. Neste sentido, acho que a universidade pode, de alguma maneira, provocar o artista nessas reflexões. Além disso, fico também pensando quando você fala do objetivo do artista... os artistas muitas vezes são muito objetivos na aproximação com a universidade. Mas tem



uma coisa que não aparece nessas relações e que me parece central: justamente as mudanças que ocorrem nas práticas do artista dentro e fora da universidade, as atividades das práticas do artista em seu próprio ateliê e na universidade. A primeira coisa que se rompe é a idéia de isolamento. Acho que o artista na universidade aprende a formular suas questões e a buscar suas respostas dentro de uma perspectiva mais democrática, no sentido de entender com quem seu trabalho dialoga, de que maneira, entendendo que não basta dialogar com seu próprio trabalho e simplesmente colocá-lo no mundo. Acho que na universidade o artista é provocado; afinal o que é isso que ele produz? Onde ele acha que vai com isso?

**MAP:** Eu concordo, mas só acho que isso não é exclusivo da universidade. Existem locais e ambientes nos quais o artista já “coloca a cara a tapa”, onde é provocado a se posicionar. No entanto, acredito que a universidade tenha um caráter diferenciado de muitos desses lugares, muitas vezes ainda pautados por preocupações de caráter modernista. Por incrível que possa parecer, a universidade, que para muitos teria uma relação mais próxima à tradição, da qual se pudesse esperar um comportamento mais conservador, talvez por ela não se preocupar tanto com a carreira do artista, de “posicioná-lo”, de “colocá-lo”, de fazer com que o artista produza e apareça, que se coloque no sistema, estando mais preocupada em estimular o artista ao diálogo, acaba por fazer com que a universidade tenha um comportamento mais avançado. Práticas conservadoras parecem se diluir na universidade, talvez por conta de outra ênfase, um enfoque mais de ouvir o artista, de provocá-lo a falar, a pensar e a refletir...

**LSO:** Acho que você tem razão, talvez isso independa se estamos tratando de uma escola livre ou de uma universidade. Acho que o que faz a diferença é justamente como essas relações são estruturadas, os objetivos perseguidos por essas escolas de arte, se em uma universidade ou não, em nível de graduação ou mesmo no nível de pós-graduação. Quando elas estão direcionadas simplesmente para as práticas do ateliê, no sentido de promover sua formação a partir de uma ênfase exagerada nos meios de arte, em uma prática mais fechada de ateliê, corre-se o risco de ser uma relação que beira a tradição.

Por outro lado, acho que em um Programa como o nosso [Ciência da Arte] tem-se outra perspectiva, assim como em várias universidades que trabalham com o artista a partir de sua produção. Nesses casos, não se está comprometida com a formação desse artista no seu plano mais básico; há, na verdade, o compromisso de despertar a capacidade crítica desse artista, de ajudá-lo a pensar criticamente o seu trabalho, sem se distanciar de sua prática. Penso, conforme falei há pouco, que isso é demandado do artista contemporâneo, esse pensar criticamente sobre sua produção. É claro que ele tem que resolver as questões técnicas de suas práticas; mas isso por si só não basta, não é o suficiente. Então, na verdade, são várias universidades que trabalham com o artista a partir do que ele produz, não para entender como aquela produção deva ser tecnicamente resolvida, mas tentando entender o que isso deflagra em termos de reflexão. É uma tentativa de dialogar criticamente com o artista a partir de sua obra.

**MAP:** Mesmo quando estamos falando de novas mídias, parece que todos ficam muito presos à técnica, à visualidade, ao objeto estético resultante dessas práticas. E insisto que a discussão se limita em torno de tentar inserir; a grande preocupação é tentar inserir, tentar encaixar [essa produção]. Essa coisa de encaixe, de classificação, de catalogação, é uma prática que já deveria ter sido superada. Até concordo que deva ser extremamente difícil; quase um desafio absurdo, no meio daqueles artistas com sede de colocação, um professor de arte tentar algo diferente, chegar e orientar essas pessoas, verdadeiramente orientá-las sem a preocupação de classificá-las, de engavetá-las, já que as pessoas parecem desejar esse engavetamento. É seguramente uma prática hercúlea para esses professores... não estou dizendo que não se consiga...

**LSO:** Na verdade outras práticas são e têm sido possíveis. Muitas vezes quando as pessoas se preocupam muito com essa questão da colocação nos termos da afirmação como artista, e tudo o que isso acaba implicando, acho que as pessoas não estão falando da arte... estão falando de outra coisa, de estratégias... se a gente quiser de fórmulas, mas não estão falando de arte. Algo que me parece deva ser considerado e sobre o qual se deva ter alguma clareza é o fato de que, ao contrário do que se acreditava em outros tempos, as obras, os projetos dos artistas,

se articulam necessariamente com seus contextos. Mesmo em se tratando de uma obra mais tradicional, conforme tratado por alguns autores, essa obra vai sendo ressignificada na medida em que passa do ateliê do artista para a galeria, de lá para o museu ou para as paredes de uma coleção particular. Surgem questões como “que coleção é essa? Quem é o colecionador?” O fato é que essa obra, em seu trânsito, ganha novos significados, enquanto perde outros. Dissipou-se aquela percepção de que a obra poderia acontecer no vácuo... ela se realiza em um dado contexto, circula em determinados contextos. E o artista precisa entender isso; esse entendimento faz parte de sua formação. São questões e demandas que giram em torno do artista na contemporaneidade, questões que não se resolvem exclusivamente na prática do ateliê.

**MAP:** Tendo uma formação dentro da fotografia, eu diria que existem duas formas de escolas de arte: de um lado, as escolas livres, e do outro, as universidades, para as quais faço uma analogia com a fotografia. Costumo dizer que essas escolas livres são a fotografia digital, enquanto a universidade é a fotografia analógica. Isso não significa que uma esteja mais atrás e a outra mais à frente. Na realidade, entendo a digital como a fotografia da rapidez, na qual você clica e já tem o resultado; tudo muito rapidamente. Enquanto isso, a fotografia analógica é a fotografia do tempo estendido; é aquela que você fotografa e tem que esperar um tempo para que a imagem surja, na qual não se tem ganho imediato, não tem algo palpável de pronto... há um tempo de espera, e esse tempo de espera é o tempo da reflexão.

**LSO:** Acho que você tem razão quando deixa claro que não se trata de estar mais avançado ou mais atrasado, até porque a universidade tem certas características em função de seus compromissos com a sociedade. Conforme falamos no começo sobre as estruturas da universidade, como se houvesse uma eventual oposição à liberdade do artista... acho importante que reconheçamos que existem poucos espaços de tamanha liberdade, de tamanha liberdade de pensamento, como a própria universidade. Eventualmente suas estruturas parecem um tanto pesadas. A administração de uma universidade do tamanho da Universidade Federal Fluminense, por exemplo, com seus milhares de funcionários, professores, alunos, não é uma coisa simples.

Por outro lado é inegável que esses espaços são o território da liberdade de pensamento, da crítica, da invenção... e talvez esteja nisso um ponto de enorme afinidade com o artista. Quando falamos da própria situação do artista, em que lugar o artista se encontra em real estado de liberdade quando fora dos limites do seu próprio ateliê? (isso para aqueles que ainda têm ateliê...) Quando se pensa no mercado... um mercado totalmente impositivo. A universidade, ao contrário, é um espaço de liberdade. Acho que é importante que se tenha clareza de que essas instituições, para além de seus maus momentos, são um espaço democrático para o exercício da liberdade. E nisso há uma aproximação natural com o artista. E o artista mesmo, a partir desse lastro de liberdade que é próprio da universidade, pode (e deve) ocupar esses espaços e ajudar a universidade a explicitar a liberdade que permeia seus ambientes.

*(Extrato da conversa realizada na tarde do dia 03 de agosto de 2011 no IACS 2, UFF, Niterói, entre Luiz Sérgio de Oliveira e Marco Antonio Portela).*

*Degravação: Luciana Barcelos  
Edição: Luiz Sérgio de Oliveira e Marco Antonio Portela*

**Alda Moura** reside em Niterói. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2010.



**Rastro** (São João da Barra, RJ), 2011.  
fotografia digital

**Ana Carolina de Almeida** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2010.



**Fachada**, 2006.

**Andreas Valentim** reside na cidade do Rio de Janeiro. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2004.



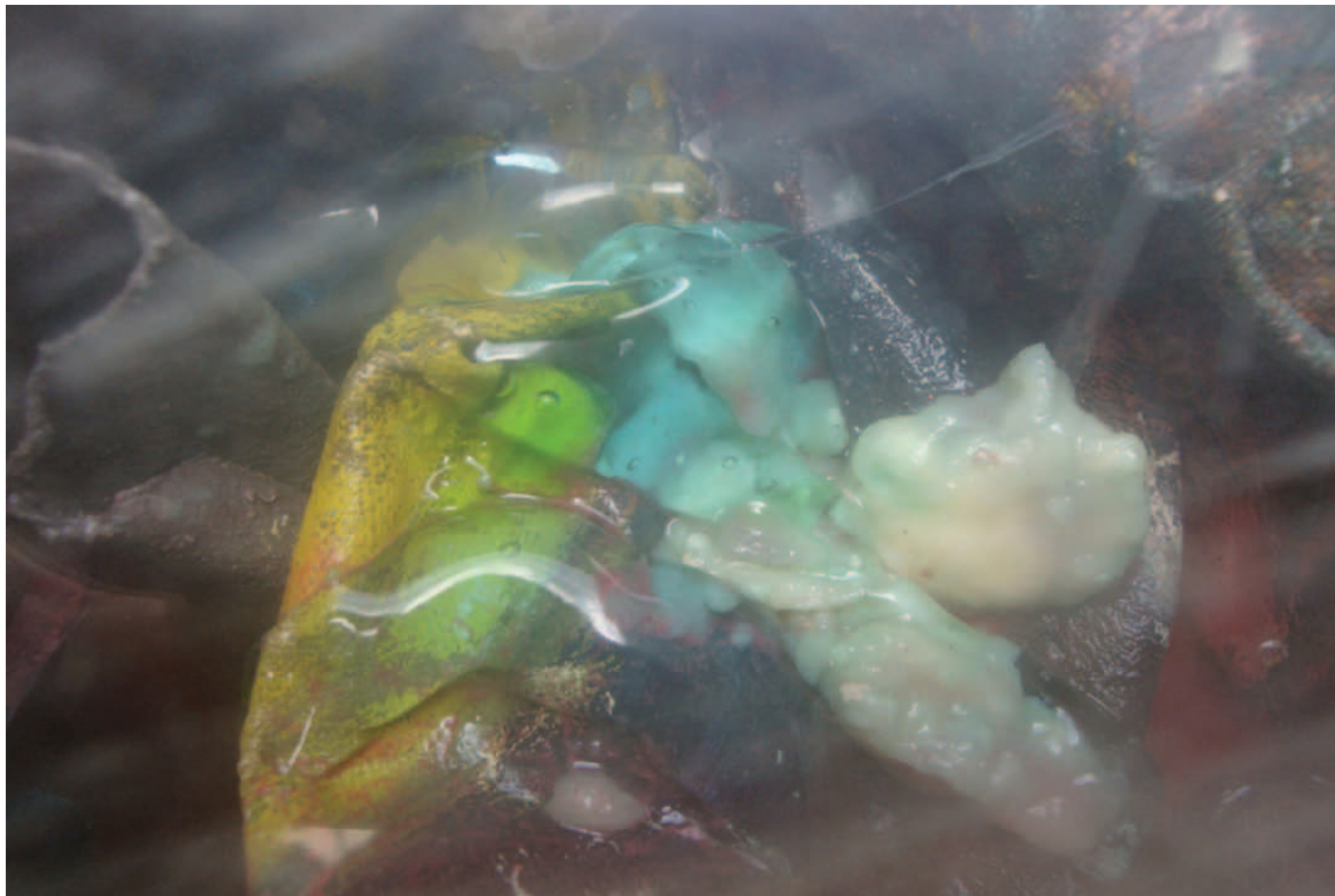
**A geografia da rivalidade nas ruas de Parintins, 2001.**

**Carlos Lima** vive em Recife e reside atualmente na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2011.



**Através da porta o corpo é casa**, 2011.  
fotografia digital com filtro artesanal

**Claudia Lewinsohn** reside na cidade do Rio de Janeiro. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2010.



**Embrionária 1** (da série **Imagens-provoações videocênicas** | frames de videoperformances), 2011.

**Davi Ribeiro** reside na cidade do Rio de Janeiro. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2011.



**Abrigo #2**, 2011.



**Edu Monteiro** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2011.

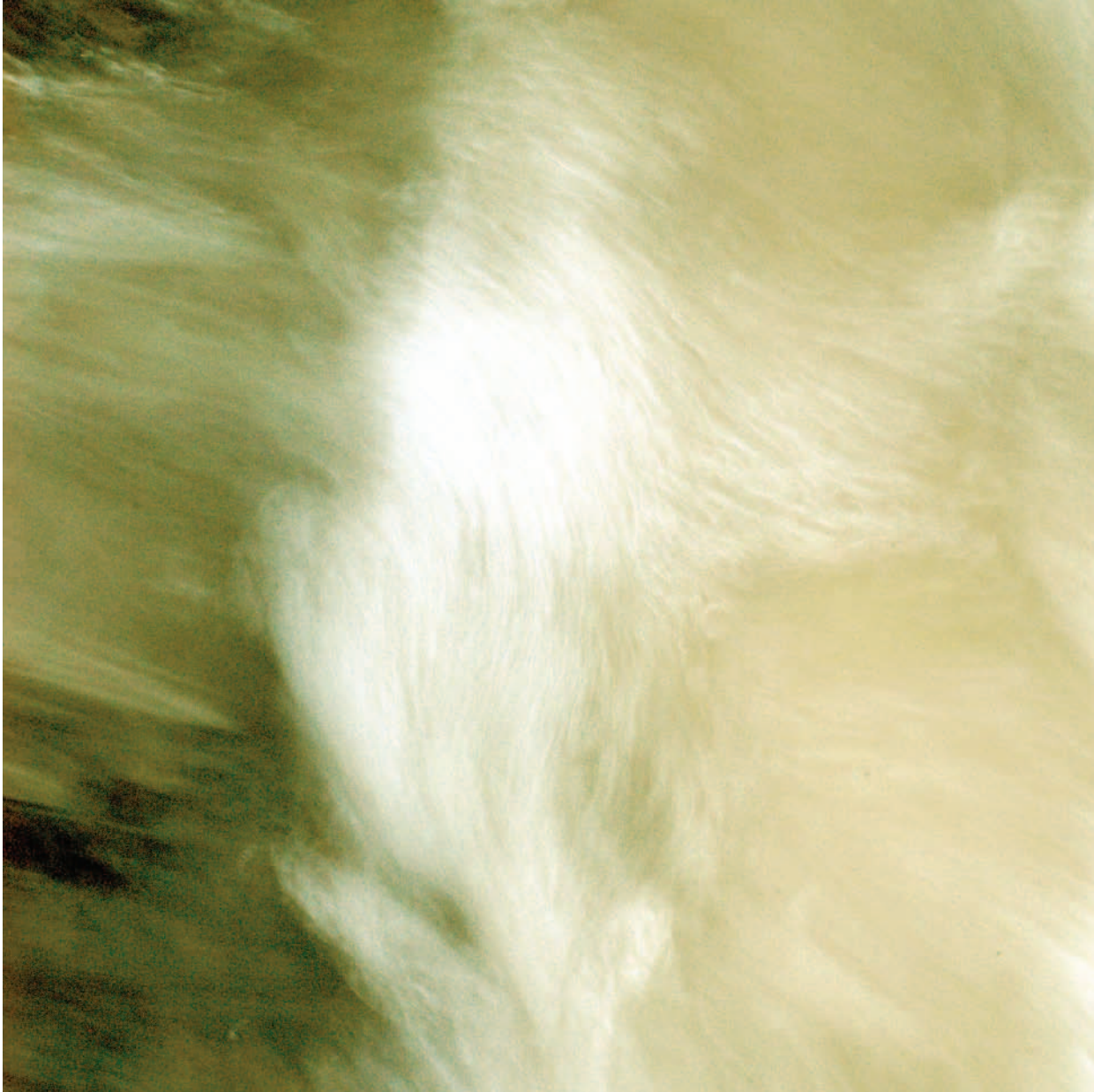


**Abrigo Antropofágico**, 2011.  
fotografia (tríptico)

**Fabrizio Cavalcanti** reside no Rio de Janeiro. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2009.



**Project Landscape**, 2011.



Sem título (da série **Mar**), 2005.

**Gabriel Jauregui** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2010.

**Greice Rosa** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2009

Da série **Ausência** (IV), 2011.



**Ivana Grehs** reside em Niterói. Ingressou no Ciência da Arte em 2011.



**Santa Protetora** (da série **Guardiões**), 2011

**Jarina Guimarães** reside em Vitória, Espírito Santo. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2003.

Sem título (da série **Entrego, confio, aceito e agradeço**), 2011.  
fotografia digital



**Kátia de Marco** reside em Niterói. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2000.



Sem título, 2009.  
fotografia sob plotter refletida em espelho



**Infância**, 2006.

**Lilian Soares** reside na cidade do Rio de Janeiro. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2011.



**Luciano Vinhosa** reside na cidade do Rio de Janeiro. É professor do Ciência da Arte desde 2007.



**Portáteis** (da série **Agenciamentos Territoriais | Campos Magnéticos**, 2003)  
fotografia e desenho digitalizado

**Luciara Mota** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2011.



**Foto das Fotos**, 2011.

**Luiz Sérgio de Oliveira** reside em Niterói. É professor do Ciência da Arte desde 2007.



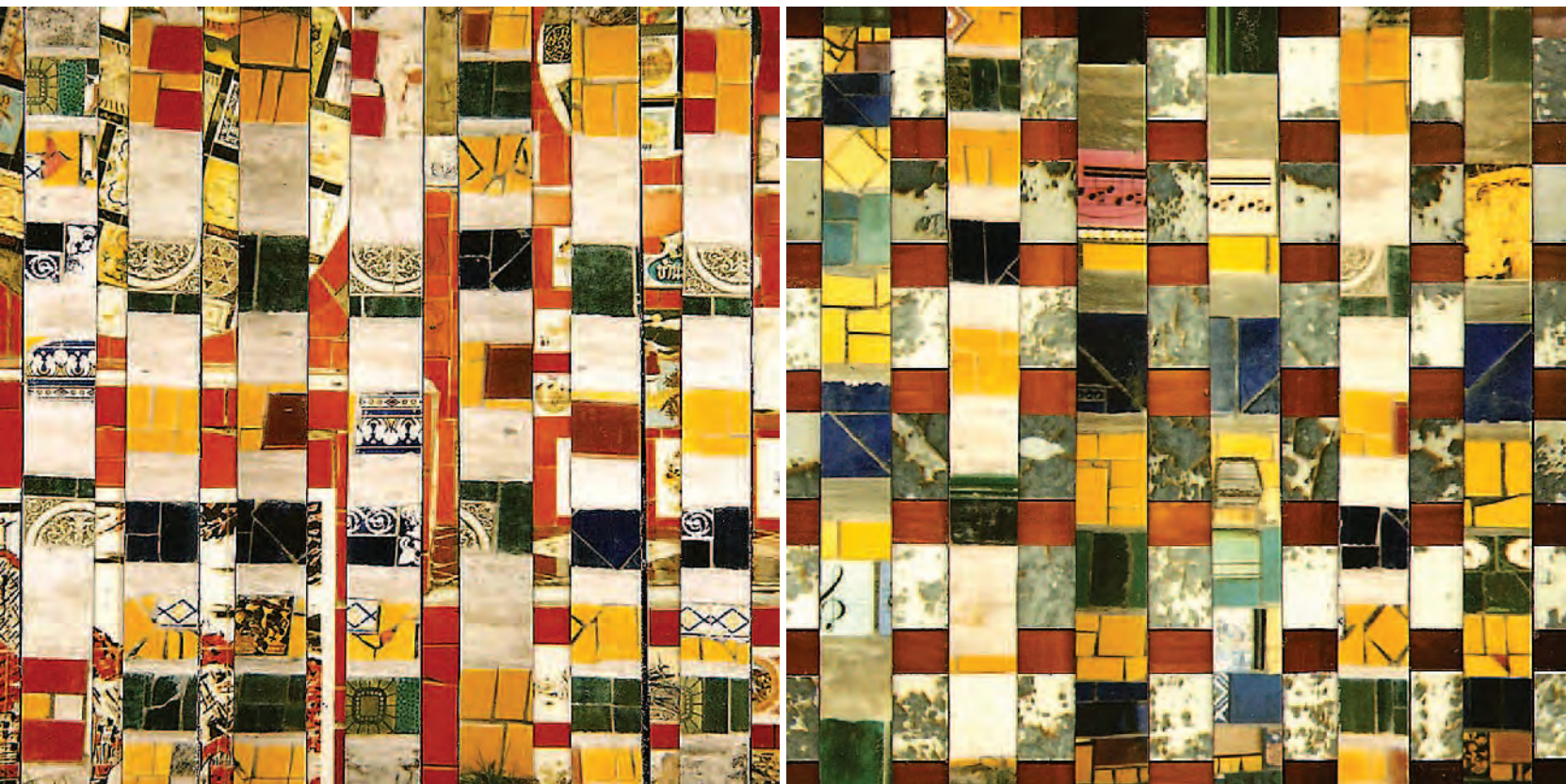
**Venhamos ao capítulo no. 1**, 2011.  
fotografia digital

**Marco Antonio Portela** reside no Rio de Janeiro. Concluiu o Mestrado em Ciência da Arte em 2009.



**As que alimentam**, 2004.  
instalação com vidro temperado e fotografias p&b.

**Marcos Bonisson** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2011.



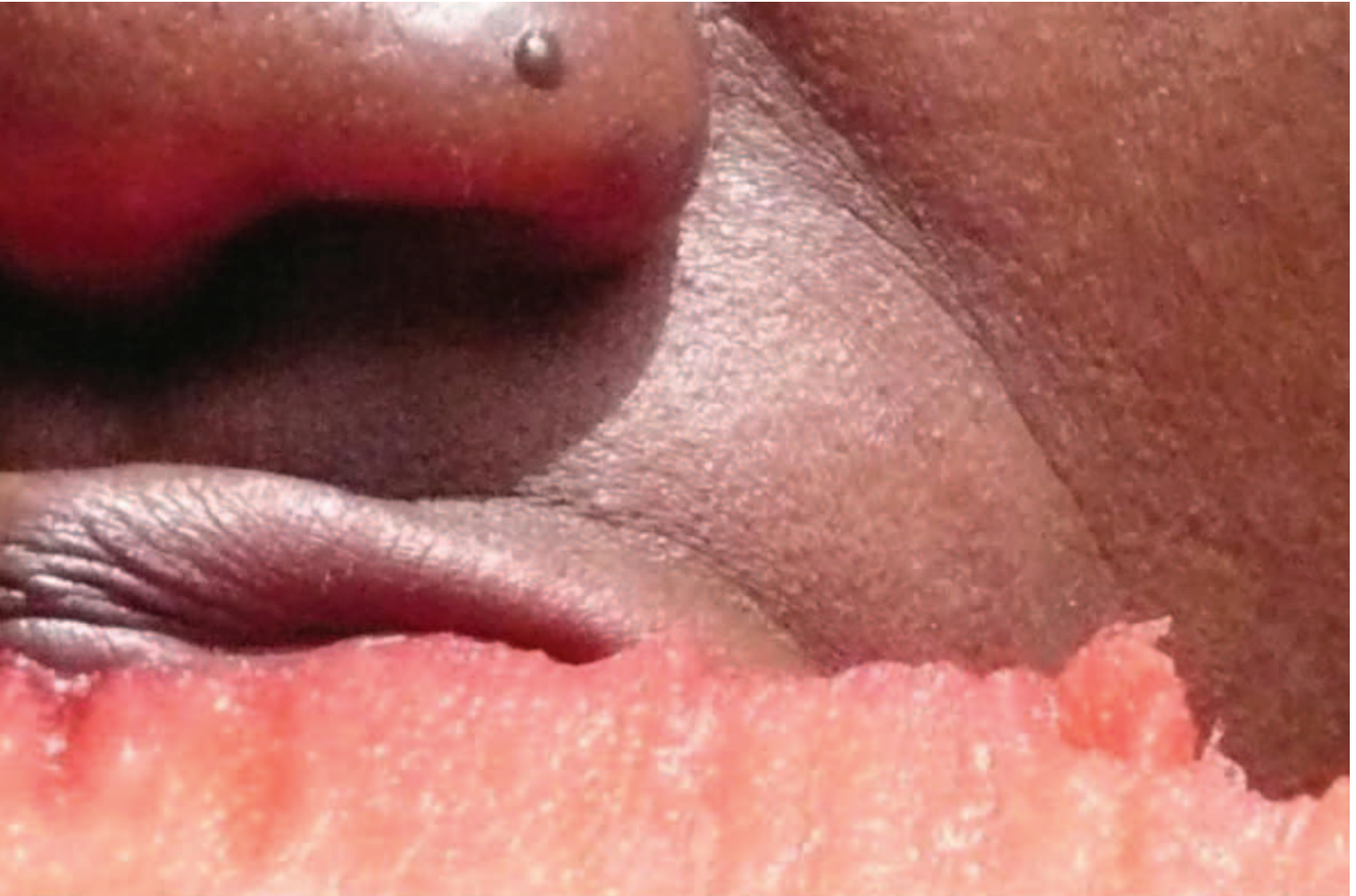
**Quase-oca # 3** e **Quase-oca # 5** (da série **Polagem**), 2001-2011.  
colagem – polaroid sobre polaroid

**Maria Eloisa Lemme** reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2010.



**Picnic na Quinta da Boa Vista, 2011.**

**Rafael Méndez** vive em Bogotá, Colômbia, e atualmente reside na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou no Ciência da Arte em 2010.



**Pele 1**, 2011.  
fotografia digital



**Angu da mamãe**, 2007.  
fotografia digital





Sem título (da série **Marcas d'água**), 2010.

**Rosane Cantanhêde** reside em Niterói. Ingressou no Ciência da Arte em 2010.

